

Tema Livre



O Imaginário Social da Colquida antiga: a perspectiva a partir da migração grega.

The social imaginary of ancient colchis: a perspective from greek migration

Maria Regina Candido⁷⁶

Recebido em setembro de 2025

Aceito em dezembro de 2025

Resumo: Jasão e o grupo dos Argonautas, com a ajuda dos deuses gregos, conseguiram transpor os obstáculos físicos e a instabilidade da região de duas falésias a Rocha da Colisão/Simplegades, junto com os demais companheiros remaram com vigor e navegaram através do barco Argo em direção ao litoral do Mar Negro e desembarcaram no reino de Cólquida.

Palavras chaves: Colquida; Argonautas; Jasão; Simplegades; Medeia.

Summary: Jason and the group of Argonauts, with the help of the Greek gods, managed to overcome the physical obstacles and the instability of the region between the two cliffs known as the Clashing Rocks/Symplegades. Together with their companions, they rowed vigorously and sailed aboard the ship Argo toward the shores of the Black Sea, where they landed in the kingdom of Colchis.

Keywords: Colchis; Argonauts; Jason; Symplegades; Medea.

Interessa-nos identificar geograficamente *o imaginário social* da região do Mar Negro, denominado na Antiguidade de Pontus Axīnus /Póntos Áxeinos, atestado por Píndaro na obra *Pythian Odes* 4.263d (462 a.C.). O termo *a-xenos* significa inóspita, região de difícil acesso para a navegação e, por vezes, região arisca por causa da agressividade da população local. A denominação de Pontus Axinus pode ser verificada no autor Ps.-Scymnus, 735ff⁷⁷., que escreveu sobre o circuito da Terra/*períodos ges*. Embora a obra seja fragmentada, o autor nos

⁷⁶ Professora Titular de História Antiga e Medieval da UERJ, atua no programa de PPGH/UERJ e do PPGHC/UFRJ. Coordenação do NEA: Núcleo de Estudos da Antiguidade/UERJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1278-838X>. E-mail: medeiacandido@gmail.com.

⁷⁷ Indicamos três obras sobre o autor, a saber: MARCOTTE, D. (ed.). *Geographes grecs*. Tome I, Introduction generale; Ps.-Scymnos: Circuit de la terre. (Collection des Universites de France publiee sous le patronage de l'Association Guillaume Budé.). Paris: Les Belles Lettres, 2000; KORENJAK, M. (ed.). *Die Welt-Rundreise eines anonymen griechischen Autors* ('Pseudo-Skymnos') (Bibliotheca Weidmanniana, 8). Hildesheim: Weidmann, 2003; BOSHNAKOV, K. *Pseudo-Skymnos* (Semos von Delos?). Zeugnisse griechischer Schriftsteller iiber den westlichen Pontosraum. (Palingenesia 82). Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004.

relata a sua viagem de navegação, passando pelo estreito de Gilbratar até chegar ao Mar Negro.

No período Clássico, Eurípides lembrou aos atenienses os perigos da navegação ao iniciar a dramaturgia de *Medeia*, advertindo os incautos aventureiros que “*nunca houvesse voado o barco de Argo à Cólquida pelas negras águas de Simplegades ...*” (*Medeia*, v. 2). O poeta grego traz o cenário mítico sobre o estreito da *Simplegades*⁷⁸, também conhecido como *Clashing Rocks* ou *Cyanean Rocks*, região de difícil navegação devido à estreita e perigosa passagem para as embarcações. O *imaginário social* criado pelos poetas e navegantes sobre a região nos aponta a grande dificuldade de navegar pelas águas instáveis da região, em razão da mobilidade das rochas que esmagavam qualquer objeto ou embarcação que tentasse transpor o ínfimo espaço entre as pedras móveis, fato que resultou no uso do termo *Simplegades* ou seja *Rocha da Colisão*.

Jasão e os Argonautas, com a ajuda dos deuses, conseguiram transpor os obstáculos físicos e a instabilidade da região, junto com os demais companheiros remaram com vigor e navegaram a salvo pelo estreito da região antes da colisão das duas falésias. O grupo de argonautas remou em direção ao litoral situado na extremidade oriental do mar e desembarcou no reino de Cólquida (Kappler, 2004, p. 114).

⁷⁸ A região identificada como Symplegades foi identificada como Planctae (Πλαγκται) ou Rochas Errantes e foi mencionada na *Odisseia* e por Apolônio de Rhodes na obra *Argonáutica*, além de Eurípides.

Mapa nº 1 :Região do Mar Negro e a região do rio Fásis



Para o pesquisador Rhys Carpenter, no artigo "The Greek Penetration of the Black Sea"⁷⁹, a remota narrativa mítica não tem paralelo com a data exata para o acesso marítimo dos gregos à região do *Ponto Euximos* (Carpenter, 1948, p. 3). O autor considera que a navegação para a região ocorreu por volta de 680 a.C., data considerada a mais remota para o pioneirismo em que uma embarcação grega consegue atravessar o estreito e chegar ao Mar Negro (Carpenter, 1948, p. 9). Para Carpenter, a região seria mítica e imaginária, pois não haveria nenhuma *Symplegades*, nenhuma passagem entre as pedras estreitas através de penhascos móveis e circundantes nas proximidades da região do Bosphorus. Carpenter acrescenta que as ilhas flutuantes e recifes, na Antiguidade identificadas como *the Cynean Rocks*, seriam resultado do *imaginário social* do período, realizados pelos navegantes e aventureiros. O autor lamenta desiludir os pesquisadores afeitos às extraordinárias narrativas míticas e lendárias da literatura de navegação grega antiga (Carpenter, 1948, p. 10).

⁷⁹ *American Journal of Archaeology*, v. 52, n. 1, p. 1-10, jan./mar. 1948. Published by: Archaeological Institute of America Stable. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/500547>. Acesso em: 25 nov. 2018.

As considerações do autor inviabilizam a narrativa mítica dos Argonautas e o acesso ao Ponto Euxinos antes do período clássico. Benjamin W. Labaree, no artigo “How the Greeks Sailed into the Black Sea”, refuta as dificuldades de acesso devido à precariedade das embarcações identificadas como modelo *pentekonter* e *trirreme* e contrapõe a tese de Carpenter ao defender a possibilidade de navegação costeira e o acesso à região ter ocorrido antes do VII século (Labaree, 1957, p. 2).

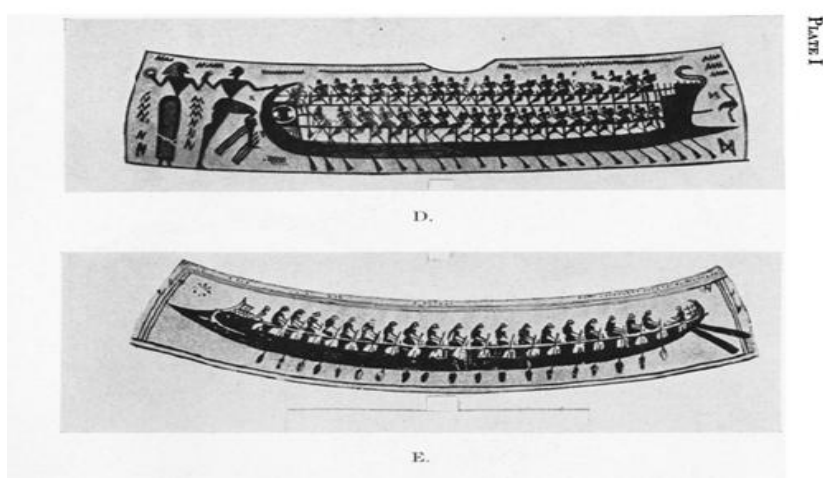


Fig 01. Ships on Early Greek Vases (D: JHS, xix, Pl. VIII; E: Toronto), Carpenter, p. 11/Jstor

Tucídides afirma que os helenos começaram também a construir frotas e embarcações mais seguras para se dedicarem mais às atividades marítimas. O autor informa que os coríntios foram os precursores na construção de naus e a terem domínio na navegação graças ao construtor náutico identificado como Ameinokles de Corinto (Tucídides, I,13:2). A historiografia discute e questiona sobre a possibilidade de construção de frotas de navios gregos realizada por Ameinokle. A dúvida se deve ao uso dos termos gregos *legontai*, que significa *teria dito*, e *phainethai/parece ser*, palavras que levam a uma inconsistência nas informações de Tucídides, quando este relata a construção de navios pelo protagonista de Corinto. As informações deixam transparecer que a *talassocracia* grega passou por Corinto no período arcaico antes da *liderança unipolar* de Atenas no período Clássico (Candido, 2016, p. 35). O pesquisador Hans van

Wees, na obra *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*, tece análises sobre a questão da atuação de Ameinokles de Corinto e a construção da *pentekonter* e da *triremes*. Na publicação citada, o pesquisador Philip de Souza nos informa que as representações imagéticas de navios gregos apontam para o período do séc. VIII a.C. (Souza, 1998, p. 271) e que o mais remoto controle das rotas marítimas gregas foi instituído pelo Minos, rei de Creta, através das regras da *thalassokratein* (Souza, 1998, p. 277).

Entretanto, retornando a passagem da *simplegades* ou *planctae*, narrada por Homero na *Odisseia*, no Canto XII, no qual o poeta cita que, entre as rochas que se batem/*planctae*, nenhuma ave conseguia passar por entre as pedras, porém somente uma nau veloz conseguiu passar pela região inóspita quando retornava das terras do rei Aeetes de Cólquida, e o seu nome era Argos. O pioneirismo da ação parece ter sido celebrado pelo poeta em cantos e versos, pois a nau seria lançada no imane penedo de Hera, diante de sua afeição a Jasão, não o servisse de guia (*Odisseia*, XII:60-69). Os versos de Homero nos indicam, segundo M. L. West, no artigo “*Odissey and Argonautica*”, que o poeta já tinha conhecimento da narrativa mítica dos Argonautas, fato que atesta a antiguidade da narrativa, ratifica a possibilidade de acesso ao Ponto Euxinos em tempos remotos e o notório conhecimento da região de Cólquida antes de 680 a.C. (West, 2005, p. 40). Outros autores falam sobre a região, como Hesíodo, na *Teogonia*,⁸⁰ que menciona o rio Phasis, o rei Aetes e Medeia (Hesíodo, *Teogonia*, v. 960), e Homero, que na *Ilíada* menciona o nome de Jasão relacionado ao comando de navio Argos (*Ilíada*, VII:467). As referências citadas validam as possibilidades de conhecimento dos antigos poetas épicos da narrativa mítica dos Argonautas, que parecia ser objeto com circulação *pela boca e pelo ouvido* no Mediterrâneo, ou seja, através da oralidade e do imaginário social. Os fragmentos do poeta épico Mimnermus de Colophon e Eumelus, na obra *Korinthiaca*, materializam em poesia as referências da expedição dos Argonautas e mencionam o reinado de Aeetes em Cólquida e as aventuras de Jasão.

⁸⁰ Na obra *Teogonia*, o poeta Hesíodo menciona o rio Phasis, que fica em Cólquida/Colchis (v. 338), citando o nome do rei de Cólquida, Aetes (v. 957), seguido do nome de Medeia (v.961).

A viagem em direção ao Mar Negro configurou-se como uma navegação de reconhecimento e não como uma expedição visando ao estabelecimento de *emporium*, *apoikias* e *cleuruquias*. Os mares Egeu, Mediterrâneo e Negro tornaram-se domínios dos gregos com a proteção dos deuses Poseidon, Hera e Atená, fato significativo de que o mar deixava de ser uma extensão marítima caótica e desconhecido para se tornar um espaço qualificado, protegido e ordenado pelos deuses (Grant, 1998, p. 15). Logo, os atenienses paulatinamente tomaram posse do conhecimento e promoveram o domínio náutico. Durante um longo período de sua história, os mares Egeu e Mediterrâneo impulsionaram a interação e proximidade entre povos de diferentes etnias, culturas, crenças e tradições distintas, assim como têm sido objeto de projetos de idealização e paradigmas⁸¹ para mundo ocidental.

A memória do Mediterrâneo e do Mar Negro encontra em Ulisses e em Jasão as suas reminiscências remotas como hábeis navegadores, os quais, segundo o Prof. Alair Figueiredo, adquirem o status de comandantes navais, ou seja, atuam como *trierarcas* (Duarte, 2025, p. 24), cuja expertise se materializou nas expedições da *Odisseia* e dos *Argonautas*. Para François Hartog, o mar é, ao mesmo tempo, um e diverso, nele coabitam muitos espaços, mas somente Ulisses e Jasão o percorreram totalmente. A cada desembarque se perguntavam o que encontrariam ao chegar à terra firme: pessoas violentas e selvagens ou homens que temiam aos deuses e praticavam a hospitalidade? Ulisses, mais que todos os outros heróis, possuía essa inteligência particular que os gregos designam por ser um homem de múltipla *metis*, quando retido no mar, sempre buscava uma passagem segura em direção à terra firme (Hartog, 2004, p. 38). Jasão deteve a expertise em orientar a travessia de seus companheiros, de forma segura através

⁸¹ A proposta nos lembra da necessidade de reanalisar o “paradigma do Mediterrâneo”, o qual considera a região como fator de unidade cultural, resultando na abordagem do pan-mediterranismo ou mediterraneização. O precursor do paradigma foi Fernand Braudel na obra *Mediterrâneo*, que nos trouxe a noção de conectividade mediterrânea, contribuindo para a percepção das mudanças que integram o antigo modelo geográfico sob a perspectiva da longa, média e curta durações, associado à experiência humana e ao mundo natural. Braudel detém um paralelo com outros pesquisadores sobre o Mediterrâneo, porém inova ao estabelecer a abordagem dos três tempo: o geológico e a história geográfica da região, a história cultural e social, que muda lentamente sob o tempo, e a história de seus habitantes que promovem os eventos políticos de curta duração (Concannon, 2016, p. 18).

das temidas e *negras águas das Simplegades*. A poesia homérica mostra que para desmontar as armadilhas do mar inconstante e instável, somente com a astúcia de Ulisses e a expertise de Jasão. O escritor grego Filostratus, o jovem, no séc. III, menciona que a naus dos Argonautas carregava os cinquenta heróis pelo rio Fasis após passar pela região do Bósforo e pelo estreito da *Simplegades/Clashing Rocks* (Philostratus the Younger, *Images* 8).

Tanto Ulisses quanto Jasão foram testemunhas fundamentais sobre as paisagens marítimas do Mediterrâneo antigo e do Mar Negro. Por causa da instabilidade dos mares em que navegaram, havia a necessidade do saber náutico específico de um piloto de navegação. Precisavam também de domínio de como se orientar pelo sol, pelas estrelas e conhecer a direção dos ventos, como nos deixa transparecer o cretense, filho de Deucalião, ao citar que Creta era uma terra bela e fecunda, que se achava no meio do mar cor de vinho e cercada por ondas. O hóspede cretense informa que conheceu Ulisses e lhe ofertou a hospitalidade, pois a violência do vento o forçara a chegar até a ilha de Creta. O navio o fez ancorar em um porto arriscado, bem perto da gruta, para fugir das tormentas, porém, quando o vento acalmou, logo todos ao mar se fizeram em direção a Troia (*Odisseia*, XIX, v. 180-190).

Consideramos que a descrição da navegação proporcionada pela narrativa da *Odisseia* não seria resultado do imaginário poético, mas de uma narrativa verídica de périplos pelo mundo conhecido. A *Odisseia* deve ser considerada como um texto fundador do *espaço antropológico*, pois a cada escalada Ulisses se confrontava com formas de organização social distinta, acentuadamente diferente da sociedade helênica dos *sitophagoi* “homens comedores de pão”. Estrabão revela uma certa admiração por Homero, ao considerá-lo como um poeta de suprema autoridade em história e geografia. Estrabão parece defendê-lo das críticas produzidas pelos geógrafos, entre eles Eratóstenes, que considerava Homero como um simples poeta, um inventor de narrativas míticas, um promotor do imaginário social e poético e não um autor de cujo trabalho se poderia alcançar algum conhecimento náutico ou informação geográfica (Biraschi, 2005. p. 74). O pesquisador Christian Jacob nos adverte que não

devemos ler a narrativa de viagem da Odisseia como um dado real que se realizou no espaço geográfico do Mediterrâneo, mas sim como uma narrativa de aventuras míticas. Nelas, o herói descobre os confins da humanidade, através de esforços de preservação do status do ser humano que vive na cultura diante do outro ser, em estado de barbárie, nos confins da humanidade (Jacob, 1991, p. 29).

As viagens de Ulisses e de Jasão, embora não se qualifiquem como uma geografia física, por terem sido guiadas pelos deuses e por integrarem as narrativas do imaginário social e mítico, permitiram aos navegadores, por suas rotas marítimas, traçarem uma direção para a navegação em torno do *he oikonoumen ge*/mundo habitado. O épico homérico nos permite afirmar que a estrutura geográfica de Ulisses parece incluir as seguintes regiões: o continente grego/Grécia, as ilhas do mar Egeu e a franja da Ásia Menor/Jônia, Creta e o Egito (Dueck, 2012, p. 22) e a rota marítima de Jasão no *Argonautas* complementa o conhecimento de navegação ao seguir em direção ao Mar Negro. As narrativas míticas mostram a necessidade dos gregos em traçar os primeiros passos em direção ao saber geográfico, marcando as rotas marítimas mais amplas e das terras mais próximas aos confins no mundo antigo. Homero deixa transparecer que, no conjunto, o Mediterrâneo era invisível a Ulisses, assim como o Mar Negro era para Jasão, porém as rotas marítimas tornaram-se realidade para os gregos e romanos nos primórdios da cartografia⁸². Complementamos que essa minuciosa observação do espaço terrestre e marítimo somente se tornou possível diante da capacidade de abstração, de conhecimento e de sagacidade de homens viajantes através do mundo conhecido. A descrição do contorno da terra/Gaia/Gê, repleta de regiões conhecidas e estrangeiras, requer a curiosidade

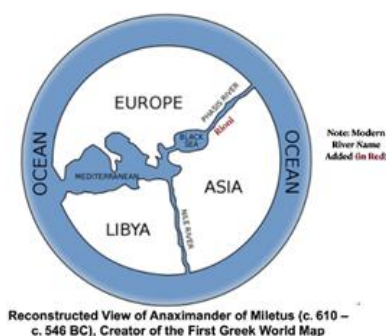
⁸² Podemos afirmar que o campo de estudos geográficos que resultou na cartografia foi produzido e lido por um limitado círculo social da elite. A região de Mileto tornou-se o centro propulsor do processo de colonização devido à dinâmica do comércio, as experiências de formas coletivas de decisão em torno do debate na ágora. A experiência fez emergir uma categoria de personagens intelectuais que atuavam como filósofos, geômetras, astrônomos e *physicoi*, que traziam ao debate o pensamento científico afastado das explicações míticas (JACOB, 1991, p. 35). De posse da geometria e da matemática como centro do saber científico, esses viajantes se utilizavam da escrita para anotar as suas *autopsia*, ou seja, registraram o que viram e ouviram em suas viagens.

como qualificação, atributo que deve ter existido na remota formação cultural dos gregos (Dueck, 2012, p. 1).

A memória da navegação tem nos gregos os seus primeiros pesquisadores a representar, através de imagens rudimentares, o universo geográfico conhecido, como mostra Anaximandro de Mileto no VI a.C., ao construir a representação imagética da terra, ou seja, a cartografia da terra sobre *uma pinax* na qual aparecem os três continentes conhecidos, a saber: Líbia, Europa e Ásia. Através do uso do *gnomon*, o pré-socrático promoveu um processo revolucionário de abstração geográfica de representação do espaço do Mediterrâneo. A delimitação das regiões pela cartografia de Anaximandro estabeleceu uma inovadora maneira de ver o mundo, talvez motivado pela tentativa em materializar as navegações míticas cantadas nas poesias épicas dos *aedos* e *rapsodos* homéricos, que transitavam pela região da Jônia. Por outro lado, temos de reconhecer que o advento da expansão jônica e o uso da escrita contribuíram para a dinâmica do conhecimento cartográfico da região de Mileto. A iniciativa dos milésios ocorreu durante o intenso processo de colonização no período arcaico. O interesse de Anaximandro pelos mapas tinha por objetivo auxiliar na navegação, pelo fato de estar interessado em fornecer uma explicação mais racional do que mítica sobre a origem da civilização e a sua difusão pelo mundo habitado (Coupier, 2011, p. 32).

A inovação deixou marcas testemunhais sobre a sua ação, a saber: Erastótenes de Cirene, um conhecido geógrafo de Alexandria (275-194 a.C.), teceu algumas considerações sobre o geógrafo. Diógenes de Laertes (180 -240 d.C.) também fez referência ao citar que *Anaximandro de Mileto, filho de Praxiades, foi o primeiro a inventar o gnómon, e colocou um dos relógios de Sol em Esparta para assinalar os solstícios e equinócios. Foi o primeiro a traçar um contorno da terra e do mar* (Kirk, 1994, p. 99). Outra expressiva doxografia sobre o geógrafo foi transmitida por Agatemeros (I,1), no III d.C., ao citar que *Anaximandro de Mileto, discípulo de Thales, foi o primeiro que ousou desenhar o mundo habitado/ oikumenen numa tábua/pinax graphai; depois dele, Hecateus de Mileto, homem muito viajado, aperfeiçoou o mapa, de forma que a obra se*

tornou fonte de admiração (Aubrey, 1952, p. 36). Parece difícil reconstruir o mapa do mundo de Anaximandro diante das informações fragmentárias fornecidas por terceiros, porém é o de que dispomos. A configuração circular do mapa se deve ao uso do instrumento identificado como *gnomon*, uma espécie de compasso triangular que permitiu traçar o círculo ou a curvatura, auxiliou na construção do relógio do sol e permitiu a confecção do mapa circular como nos mostra a figura abaixo (Mapa 2).



Mapa nº 02

Reconstruído por Anaximandro de Mileto com a demarcação do rio Fásis/Rioni

Outro fator de alerta refere-se à ação de ter publicitado/*ekdounai* a experiência entre os seus pares. Analisando o mapa de Anaximandro, fica evidente que o geógrafo destaca três regiões: o mar Mediterrâneo, o rio Nilo e o longínquo rio Fásis, no Mar Negro. A centralidade do mapa nos aponta para o rio Nilo, que detinha um especial status para os jônios, pois o Delta do Nilo foi considerado o berço da humanidade, o *omphalos ges* pelos primeiros *physiologo*⁸³. Do Delta do Nilo emergiu a civilização que se difundiu para a Europa, a Ásia e a Líbia através do processo de migração. Embora Homero nos forneça escassas indicações sobre o Egito, podemos afirmar que os gregos migraram para o Egito durante a dinastia dos Psammetichus⁸⁴ I (664-661 a.C.), como mercenários cuja atuação se intensificou no VII a.C. Entre os séculos VIII-

⁸³ Para os *physicoi*, a região do Egito era considerada como uma próspera civilização, a mais antiga do mundo devido às condições climáticas existentes na região, que incluía a ausência de inverno e a abundância de grãos, fato que também levou Anaximandro a conceber que a região proporcionou à humanidade um período de ouro (Nadaff, 2003, p. 49).

⁸⁴ Dissertação de Mestrado: Rede de conectividade marítima e comercial entre gregos e egípcios na região de Naucratis entre os séculos VII e VI a.C., PPGH/UERJ, de Allan Arthur de Souza Camuri.

VI, Mileto estabeleceu noventa colônias nas áreas do Mar Negro (Estrabão 14.1.6). Como mercenários, os gregos se estabeleceram no entreposto comercial/*emporion* da região de Naucratis⁸⁵, fundada pelos milésios, cidade estabelecida próximo às ramificações⁸⁶ do rio Nilo (Nadaff, 2003, p. 37).

Em comparação com o litoral do mar Negro, a região de Cólquida parecia menos colonizada. De acordo com a documentação textual, somente três colônias foram estabelecidas na região: Dioscourias (atual Sokhumi e Hinterland), Gyenos (território atual de Ochamchire) e Phasis.

A localização de Phasis/Rioni é a mais complicada e nos chama a atenção; refere-se à demarcação do rio Fásis situado no Mar Negro. Estrabão parece interagir com o mapa sobre a região ao afirmar que o litoral se constituía como um *emporium* demarcado pela região de Dióscuros e Fásis, situados no Ponto Euxinos, que tinha a peculiaridade de ser o encontro de diferentes tribos. Acrescenta ainda que o rio Fásis se beneficiava por ser um excelente ponto de conexão com as demais regiões do Mar Negro (Estrabão 11.2.17).

As referências poéticas nas dramaturgias de Eurípides, Sófocles e Ésquilo ratificam a *conectividade marítima* entre o Mar Negro e as regiões gregas banhadas pelos mares Mediterrâneo e Egeu, consideradas áreas com uma longa história de contatos e migrações. Temos ciência das questões que envolvem o rio Fásis, o que inclui a possibilidade de ser uma referência proveniente do *imaginário social* relacionado ao Velo de Ouro. A região marítima também foi mencionada por Estrabão (Strabo, 7.3.6) e narrada por Apolônio de Rodes (2.1264-70) ao citar a entrada da nau Argos navegando pelo rio Fásis.

⁸⁵ A literatura refere-se a Naucratis como uma *polis* grega destinada ao comércio, *emporium*, Estrabão (I séc. a.C.) e Heródoto (V séc. a.C.). Estrabão descreveu que a *polis* foi construída durante o reinado do faraó Psamtik Psammetichus I, que reinou no período de 664-610 a.C., ao citar que “no período de Psammetichos, os Milesians, com trinta navios, chegaram ao golfo de Bolbontine e desembarcaram e se estabeleceram por um tempo, em seguida navegaram para Saitic para defender a polis chamada de Inaros onde fundaram a polis de Naucratis”, Estrabo 17.1.18.

⁸⁶ A região tornou-se objeto de reflexão e análise em simpósios e congressos como: Problems of the Greek Colonization of the Northern and Eastern Coasts of the Black Sea Region, 1979; The Demographic Situation in the Black Sea Region in the Period of the Great Greek Colonization, 1981; Local Ethno-Political Groups in the Black Sea Region in the 7th-4th Centuries BC, 1988; Le Pont-Euxin vu par les Grecs, 1990. Em qualquer caso, desde o início da colonização grega e até mesmo períodos anteriores, esta área costeira deteve o interesse dos gregos, como atestam os achados arqueológicos.

O pesquisador O. Lordkipanidze, no livro *Phasis. The River and City in Colchis*, traz ao debate as recentes teorias que identificam o rio Fásis a partir das citações antigas e que por vezes permitem a correspondência com o rio Rioni (Lordkipanidze, 2000, p. 20). O autor reforça que o rio Fásis constituía-se como um rio de navegação, com rotas de atividades mercantis e como uma fonte natural de abastecimento de água para agricultura e os ribeirinhos (Lordkipanidze, 2000, p. 23). Em meio às informações, Lordkipanidze propõem a data e a localização da cidade de Fásis, a partir da documentação literária em diálogo com os dados arqueológicos que situam a região no Mar Negro ao sul do rio Fásis e próximo ao lago Paliastomi (2000, p. 50). A partir de algumas indicações do autor, organizamos um quadro de referências sobre o rio Fásis no Mar Negro:

Autor	obra	período	região
Hesíodo	Theogony, 337 ff	VIII	Beócia
"Tethys bore to Okeanos (Oceanus) the swirling Potamoi (Rivers) [...] Istros (Ister) of the beautiful waters, Phasis [in a list of rivers]." Tétis levou para Okeanos (Oceanus) o potamoi/rios rodopiante [...] Ístros (Ister) das belas águas, Phasis [em uma lista de rios].			
Aeschylus	Prometeu Acorrentado v.107	período V	região Elêusis
"Here Phasis, the mighty common boundary of the land of Europe and Asia." Aqui Phasis, a poderosa fronteira comum da terra da Europa e Ásia			
Apollonius Rhodius	, Argonautica 3. 1219	III aC	Rodhes
The whole meadow trembled under her [Hekate's] feet, and the Nymphai Heleionomai (Nymphs of the Marsh) and Potameides (of the River) who haunt the fens by Amarantian Phasis cried out in fear." Todo o prado tremia sob seus pés [de Hekate], e os Nymphai Heleionomai (Ninfas do Pântano) e Potameides (do Rio), que assombram os pântanos o rio Fasis Amarantiana, gritavam de medo".			
Callimachus,	Aetia Fragment 9	III d.C	Grécia
King Aeetes of Kolchis (Colchis) speaks:] 'Let Helios (the Sun) be my witness and Phasis the king of our Rivers.'"			

O rei Aeetes de Colchis (Colchis) fala:] 'Deixe Helios (o Sol) ser minha testemunha e Phasis o rei de nossos rios.' "

Philostratus Younger	Imagines 8	III d.C.	Lemnos
-------------------------	------------	----------	--------

"[From a description of an ancient Greek painting:] The Argo carrying its fifty heroes has anchored in the Phasis after passing through the Bosphoros (Bosporus) and the Clashing Rocks. You see the river [Phasis] himself lying on this deep bed of rushes; his countenance is grim, for his hair is thick and stands upright, his beard bristles, and his eyes glare; and the abundant water of the stream, since it does not flow from a pitcher as is usually the case, but comes in flood from his whole figure, gives us to understand how large a stream is poured into the Pontos.

"[A partir de uma descrição de uma pintura grega antiga:] O Argo carregando seus cinquenta heróis ancorou em Fásis depois de atravessar o Bósforo (Bósforo) e as Rochas Clashing. Você vê o próprio rio [Phasis] deitado neste leito profundo de seu rosto é sombrio, pois seus cabelos são grossos e eretos, sua barba e seus olhos brilham; e a abundante água do riacho, pois não flui de uma jarra, como costuma ser o caso, mas entra em cena. inundação de toda a sua figura, nos permite entender o tamanho de uma corrente que é derramada nos Pontos.

Valerius Flaccus	, Argonautica V e VI	I d.	Roma
------------------	----------------------	------	------

5. 205 "[Jason prays to river-god Phasis of Colchis (Colchis) :] 'O Phasis, offspring of fecund Jove [Zeus], born in the snowy region of the Arcadian Nympha, do thou but accept with tranquil stream the bark of Pallas [u,e, the ship Argo], neither gifts nor shrines shall be lacking to thee in my land; an effigy awaits thee, O Phasis, that whoso beholds may reverence, as mighty as great Enipeus or father Inachus outstretched in golden cave.'"

5.205[Jason reza ao deus do rio Phasis of Colchis (Colchis):] 'Ó Phasis, descendente de Jove/[Zeus], fecundo nascido na região nevada da Nympha da Arcádia, mas você permita com tranqüilo fluxo no rio de Pallas [u, e, o navio Argo], nem presentes nem santuários lhe faltarão em minha terra; uma efígie espera por você, ó Phasis, para que quem contempla possa reverenciar, tão poderoso quanto o grande Enipeus ou o pai Inachus estendido na caverna de ouro. ' "

5. 425"[Depicted on the walls of the palace of King Aeetes :] In frenzied desire savage [River] Phasis pursues [the Nymphe] Aea upon her native hills; in maiden distress and panic she shoots frightened arrows, and now her strength fails from her running to and fro and the god has overcome her, and binds her fast beneath his rapid wave."

5. 425 Retratado nas paredes do palácio do rei Aeetes:] No desejo frenético [rio], Phasis persegue [o Nymphe] Aea sobre suas colinas nativas; na angústia e no pânico, ela atira flechas assustadas, e agora sua força falha de correr para lá e para cá e o deus a venceu e a prende rapidamente sob sua onda rápida. "

6. 295"Aquites, priest of mighty Phasis, consecrated to his native waters, roamed among the warriors of the North [i.e. the Scythian army attacking Aeetes' kingdom], poplar decked his brow and his temples were conspicuous with its gray entwining spray

6.295. Aquites, sacerdote da poderosa Phasis, consagrado às suas águas nativas, vagava entre os guerreiros do Norte [ou seja, o exército cita atacando o reino de Aeetes], o choupo enfeitava sua testa e suas têmporas eram visíveis com seu grisalho entrelaçado cinza

Pela dinâmica da região, podemos afirmar que Fásis foi uma *apoikia* fundado pelos milésios por volta de 600-570 a.C. Estrabão (11.2.17) afirma que a *apoikias* Fásis foi beneficiada por causa de sua localização que permitia uma excelente conectividade marítima com os demais *emporium* situados no Mar Negro. O pesquisador Anca Dan, no artigo *The River called Phasis*, realizou uma revisão crítica sobre a antiga identificação do rio Fásis-Rioni, em meio aos vários rios visando determinar a materialidade do rio para se afastar da ideia do rio Fásis ser apenas uma inspiração literária pertencente ao imaginário mítico nas obras de Píndaro, na *Isthmian Odes* (2.41), e de Eurípides, em *Andrômaca* (v. 650) (Dan, 2016, p. 247). A proposta do autor visa à busca do conhecimento geográfico sobre a região. Para W. Thalmann, as dificuldades de análise da região de Cólquida se devem à escassez de informação proveniente do período arcaico e do início do período clássico. A tradição literária menciona a presença dos gregos navegando pelo rio Fásis e construindo assentamentos ao longo do território de Cólquida, nas regiões identificadas com Fásis, Gyenos e Dioscurias, cujos nomes modernos são Poti, Ochamchire e Sokhumi, e complementa com o nome do responsável pela migração grega, o *oikistes* de Fasis, Themistagoras proveniente da região de Mileto (Thalmann, 2011, p. 132).

Temos de reconhecer a acentuada distância dos territórios dos gregos em relação às regiões do Mar Negro. Questionamo-nos qual seria o interesse dos helenos da pólis de Mileto em se aventurar em direção às regiões do Mar Negro.

O tema sobre migração⁸⁷ moderna tem sido objeto de debates⁸⁸ visando estabelecer as possíveis motivações, tal fato nos leva a abordar o que fomentou ou motivou a *conectividade marítima* em direção ao Mar Negro no período arcaico. Em geral, as explicações dos autores apontam para os déficits econômicos gerando interesses nas trocas comerciais e mercantis; outros indicam as buscas por metais e/ou grãos. Há também análises que apontam algumas realocações de famílias em novas terras estrangeiras como resultado de *stasis*, desavenças entre grupos políticos e dissensões.

Alan Greaves, no artigo *Milesians in The Black Sea: Trade, Settlement and Religion*, considera que a motivação dos milésios para a região foi devido à falta de terra/*stenochoria*, ou seja, visavam ao estabelecimento de *apoikias* acrescida de uma região de *emporium*, pois em uma análise apurada fica evidente que os assentamentos estavam localizados perto do litoral/porto.

⁸⁷ As migrações internas no Brasil vêm passando por alterações consideráveis nas últimas décadas. Caracterizadas, em meados do século XX, por famílias que partiam das regiões economicamente mais estagnadas do país em direção às capitais da região Sudeste e às principais áreas de fronteira agrícola e mineral do Norte e Centro-Oeste; a partir da década de 1980, começam a apresentar modificações tanto nos tipos de migrantes como nas regiões envolvidas nos processos migratórios. O artigo *Ciclo de vida, estrutura domiciliar e migração no início do século XXI: o caso da Região Metropolitana de São Paulo*, é um dos destaques da *Revista Cadernos Metrópole 2018*, edição nº 41.

⁸⁸ Para Catarina Reis Oliveira, grandes movimentos migratórios e crises de refugiados não são, pois, novos na história da humanidade. A consciência pública e o impacto percebido destas realidades parecem ser, porém, maiores do que os verificados anteriormente. Para além do papel dos meios de comunicação, das redes e dos *media* sociais que aumentam a visibilidade dos movimentos, o que há de novo na crise dos refugiados na Europa do século XXI? Que fatores causais estão em ação? Como reagem os indivíduos às pressões estruturais para o movimento, nos países de origem e de trânsito? Que fatores de atração ou repulsão sobressaem? Que novos desafios teóricos emergem? Que respostas conseguem dar os enquadramentos legais internacionais vigentes e que necessidades se vislumbram? Ver: *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p. 73-98, jan./abr. 2017. p. 74.



Mapa nº 03. Auxilia-nos na demarcação dos santuários e assentamentos provenientes da migração de Mileto

Allan Greaves traz à memória as informações de Gocha Tsetskhladze, no artigo *The Archeology of Greek Colonization* (1994), no qual incluía duas levas de migrações dos milésios para a região do Mar Negro (Greaves, 2007, p. 17). As razões se devem à conturbação do período como a invasão dos lídios citada por Heródoto (I.15-17) ao afirmar que, após assumir o poder, Giges conduziu um exército até Mileto e Esmirna, invadindo o território de Mileto. Em outro período mais tardio, Heródoto nos relata que após a vitória no combate naval contra os jônios, os persas sitiaram Mileto por terra e por mar (Heródoto, I.18). Tal afirmativa deixa transparecer que a motivação para a migração em direção ao Mar Negro ocorreu pela dificuldade e escassez de terra, o que inviabilizou a distribuição de grãos e espaço de cultivo para a população preexistente e não por razões de excedente populacional (Greaves, 2007, p. 13).

O pesquisador Thomas S. Noonan cita alguns autores como Johannes Hasebroek, no livro *Trade and Politics in ancient Greece* (1970), e Moses I. Finley, no livro *Early Greece: The Bronze and Archaic* (1970), os quais consideram a colonização grega em direção ao Mar Negro como tendo sido motivada pelo excedente populacional. Havia problemas com a terra para manter a alta produção agrícola, fato que resultou no processo de migração para a região do Mar Negro como forma de sobreviver à fome (Noonan, 1973, p. 232). O tema

sobre a necessidade de grãos em Mileto traz o questionamento sobre a dependência dos gregos da exportação de grãos da região do Bósforos e parte do Mar Negro, região que passou a ser considerada o *celeiro de Atenas* por I. B. Brashinski, no livro *Athens and the Northern Black Sea* (1963) (Noonan, 1973, p. 231).

De acordo com Thomas S. Noonan, foi o professor emérito B. C. Michell, no livro *The Economics*, o autor da proposta que afirma ser a necessidade de importação grãos que fomentou o interesse dos milésios pela região do Mar Negro. No entanto, uma leitura mais apurada da documentação e associada às evidências arqueológicas sugere que os grãos exportados para o Mar Egeu apontam para o período do V séc. (Noonan, 1973, p. 232). Em síntese, as questões sobre os grãos estão relacionadas ao debate sobre a motivação que fomentou o processo de migração para as regiões do Mar Negro consideradas bárbaras pelos gregos, visando ao assentamento de *apoikias* e *emporium*; a questão mantém-se ainda hoje aberta ao debate em simpósios e na forma de artigos.

A pesquisadora Murielle Faudot trouxe o debate no *X Symposium of Vani* (2002), no qual a autora considera que a necessidade de aquisição de metal, acrescida de um espírito de aventura dos gregos, motivou a navegação em direção ao Mar Negro. A autora traz a abordagem mítica dos Argonautas e a dramaturgia intitulada *Korinthiaca*, ambas permitindo identificar e materializar a região para os gregos desde o VI a.C., visitada de forma esporádica desde o período homérico. Logo, a região já era conhecida pelos gregos desde o período dos argonautas com o objetivo de identificar as áreas providas de metais (Faudot, 2005, p. 107). Outro participante do *Symposium de Vani*, foi o arqueólogo Amiran Kakhidze. Ele afirma ter sido os períodos arcaico e clássico fundamentais para a formação do conhecimento e da cultura do Mar Negro. O autor reconhece que determinar a motivação que faz emergir o interesse de contato dos gregos com a região através do processo de colonização mantém-se como uma problemática a ser pesquisada com mais afinco (Kakhidze, 2005, p. 115). Para o autor, a riqueza oriunda da cultura material permite afirmar que houve contatos regulares

dos gregos com a região no período clássico, ação que teve início no período arcaico. Em relação à motivação, o autor considera que o processo de colonização ocorreu devido à emergência da dinâmica socioeconômica e política do mundo grego, de início marcadamente de caráter agrário. Após esse período, o desenvolvimento do artesanato, juntamente com a abundância de recursos como a pesca e os metais, transformou a região em uma área de grande interesse para os gregos. Isso estabeleceu uma relação comercial onde a Grécia, com sua produção de artesanato, vinho, azeite e cultura, dependia do Mar Negro para suprir a vital necessidade de inserção cultural no universo grego (Kakhidze, 2005, p. 116). O autor sugere que os gregos estabeleceram pontos de conexão permanentes e contínuos – como empórios, apoikias e talvez cleruquias – ao longo de suas rotas para o Mar Negro. Isso visava consolidar a construção do imaginário social e a integração com as diversas regiões do Ponto Euxino, pois sem tais bases a conectividade marítima seria inviável.

Sobre as questões comerciais e mercantis que envolvem a discussão do processo de colonização no Mar Negro, Allan Greaves nos alerta que a abordagem está relacionada à percepção de pesquisadores anglófonos muito atentos à teoria colonial ou pós-colonial do século XX. Essa perspectiva tende a levar o leitor ao imaginário social de que Mileto criou um império homogêneo de colônias gregas ao redor do Mar Negro. O autor afirma que Antony Snodgrass já nos alertava sobre essa questão no artigo *The history of a false analogy* (2005),⁸⁹ no qual defendia que Mileto não detinha a perspectiva de expansão imperialista no Mar Negro através do estabelecimento de *apoikia e emporia*. O autor reconhece o valor da ação de Mileto na região, mas justifica que foi um contato iniciado como reconhecimento da área, seguida por buscas de soluções aos conflitos internos como *stasis* e invasões gerando a necessidade de induzir a procura por novas terras no Mar Negro (Greaves, 2007, p. 10). A materialidade do processo de migração dos gregos para as regiões do Mar Negro pode ser identificada através dos vestígios arqueológicos dos santuários assim como os

⁸⁹ A. M. Snodgrass. "Lesser breeds". The history of a false analogy. In: HUNT, H.; OWEN, S. (eds). *Ancient Colonization: Analogy, similarity and Difference*. London: Duckwoerth, 2005, p. 45-58.

artefatos de cerâmicas encontrados ao longo das margens dos antigos assentamentos⁹⁰ (Greaves, 2007, p. 11).

Allan Graves considera que a materialidade da relação entre Mileto com metrópoles gregas com as *apoikiai* do Mar Negro está na identificação dos santuários ao longo dos percursos de navegação. O autor reconhece que Mileto possui um percentual de colônias acima das demais *poleis* gregas e que o contato cultural e religioso do processo de migração dos milésios foi demarcado pela presença do *oikistes*, assim como pelo estabelecimento de cultos à deusa Afrodite nas suas colônias. O tema foi analisado por Norbert Ehrhardt, no livro *Milet und seine Kolonien* (1983), no qual o autor nos traz as evidências arqueológicas do Culto de Afrodite em Mileto e nas colônias, pois a sua adoração se deve ao fato da divindade ser protetora da navegação e das atividades comerciais e mercantis (Greaves, 2007, p. 21). Ao analisarmos o mapa da região criado por Allan Greaves,⁹¹ podemos observar as regiões habitadas pela população oriunda de Mileto identificadas pela adoração e culto à deusa Afrodite, divindade introduzida pelos milésios como mostra o mapa construído pelo autor.

Concluimos parcialmente que Mileto foi, sem dúvida, uma das *poleis* mais importantes envolvidas no processo de ocupação de regiões litorâneas do Mar Negro. O movimento de expansão dos milésios incluiu interesses em atividades mercantis, problemas de embates como *stasis*, assim como a premência da necessidade da busca de metais. Outro dado que nos chama a atenção está na possibilidade de localização dos santuários de Afrodite na direção da região de Cólquida. A região de Cólquida foi conhecida na Antiguidade devido à abundância de metais que fomentou a sua expertise na metalurgia. A descoberta de workshops e oficinas tem sido objeto de pesquisa arqueológica cujo resultado sugerem que a região se tornou um acentuado centro produtor de artefatos em metais. G. Tsetschladze afirma que os primeiros assentamentos gregos na região foram estabelecidos pelos milésios em meados do VI séc., em que fica evidente

⁹⁰ As dificuldades de localização atual se devem ao aumento do nível das águas que dominam as regiões litorâneas.

⁹¹ Mapa de localização dos Santuários de Afrodite nas colônias dos milésios no livro *Cult of Aphrodite in the colonies of Miletos*, 2000, p. 41.

o estabelecimento do modelo póliade de estabelecimento de *emporium* na região de Cólquida (Tsetschladze, 1998, p. 35), ou seja, relação comercial entre Cólquida e a Grécia. O autor considera que foi durante o período de colonização grega, quando o contato mercantil e cultural foi estabelecido entre a costa oriental do Mar Negro e o Mar Egeu, que algumas regiões litorâneas adquiriram um acentuado papel e significância como a região de Pichvnari, Phasis, Gyenos, Dioscuria entre outros (Tsetschladze, 1992, p. 225). Logo, a região de Cólquida e o rio Fásis permearam o imaginário social dos gregos através da dramaturgia de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, porém os logógrafos e navegadores tornaram a sua existência real. A realidade da região incentivou as primeiras migrações na região em direção ao Mar Negro realizada pelos colonos gregos, cujo movimento permitiu o estabelecimento da conectividade comercial, mercantil e cultural da região.

Bibliografia

Documentação

EURIPIDES. *Medeia*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: HUCITEC, 1991. Ed. Bilíngue grego-português.

HERODOTO. *História*. Trad. Mario da Gama Cury. Brasília: UnB, 1988.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Brasília: UnB, 2001.

PHILOSTRATUS, Elder, Younger Philostratus, Callistratus. Translated by Fairbanks, Arthur. Loeb Classical Library Volume 256. London: William Heinemann, 1931

PSEUDO-SKYLAX'S PERIPLUS: The Circumnavigation of the Inhabited World. Trad. Shipley Graham. Exeter: Bristol Phoenix, 2011.

THUCYDIDES. *History of The Peloponnesian War*. London: William Heinema, v. 1 (1991); v. 2 (1998); v. 3 (1992); v. 4 (1976). Ed. bilíngue

Bibliografia Geral

ARMAYOR, O. Kimball. Did Herodotus ever go to the Black Sea? *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 82, p. 45-62, 1978.

ARMAYOR, O. Kimball. Sesostris and Herodotus' Autopsy of Trace, Colchis and Inland Asia Menor. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 84, p. 51-74, 1980.

- AUBREY, Diller. *The Tradition of the Minor Greek Geographers: Agathemerus*. New York: Oxford Press, 1952.
- BERARD, Victor. *Les Navigations d'Ulisses* (4 vol.). Paris: Armand Colin, 1974.
- BIRASCHI, A. M. *Strabo's Cultural Geograpy*. The Making of a Kolossougrafia. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 73-85.
- BLAKE, Emma. *The archaeology of Mediterranean prehistory*. New York: Wiley-Backwell, 2005.
- BRAUDEL, F. *Memórias do Mediterrâneo*. Lisboa: Terramar, 2001.
- CANDIDO, M. R. *Atenas, liderança unipolar no Mar Egeu (480-411 a.C.)*. Rio de Janeiro: Letras e Versos/ NEA-UERJ, 2016.
- CARPENTER, Rhys. The Greek Penetration of the Black Sea. *American Journal of Archaeology*, v. 52, n. 1, p. 1-10, 1948.
- COCANNON, C.(orgs). *Across the corrupting sea*. Pós-Braudelian Approaches to the Ancient Eastern Mediterranean. London: Routledge, 2016.
- COUPRIE, Dirk L. *Heaven and Earth in Ancient Greek Cosmology*. From Thales to Heraclides Ponticus. New York: Springer, 2011.
- DUARTE, Alair Figueiredo. *Arqueologia do Comando Naval: a figura do trierarcha na Era Clássica*. Curitiba: Ed. Appis, 2025.
- DUECK, Daniela. *Geography in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Pree, 2012.
- EHRHARDT, N. *Milet und seine Kolonien*. Frankfurt am Main: P.Lang, 1983
- GRANT, Michael. *The Ancient Mediterranean*. London: Cambridge, 1998.
- GREAVES, Alan. Milesians in the Black Sea:Trade, Settlement and Religion. In: *The Black Sea in antiquity regional and interregional economic exchanges*. Langelandsgade: Aarhus University Press,2007. P.09- 22.
- HARTOG, François. *Memória de Ulisses*. Narrativa sobre a fronteira na Grécia Antiga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- FAUDOT, M.(eds). *Pont-Euxin et Polis? Polis hellenis et Polis Barbaron*. Comtoises: Presses Université Franche-Comtoises, 2005.
- JACOB, Christian. *Geographie et Ethnographie em Grece ancienne*. Paris: Armand Colin, 1991.
- KAKHIDZE, Amiran. *Athens and the Black Sea Area in the Late Archaic and Classical Periods*. Collection de Institute des Sciences et Techniques de l'Antiquité Année 2005, p. 115-118.
- IASHVILI. I., Vickers, M. Silver coins of Black Sea coastal cities from the fifth century BC necropolis at Pichvnari. *Numismatic Chronicle*, 161, p. 282-288, 2001

- LABAREE, Benjamin W. How the Greeks Sailed into the Black Sea. *American Journal of Archaeology*, v. 61, n. 1, p. 29-33, jan. 1957.
- LORDKIPANIDZE, Otar. *Phasis*. The River and City in Colchis. Stuttgart: Fr. Steiner, 2000.
- NADAFF, Gerard (orgs). *Anaximander in context*. New Studies in Origins of Greek Philosophy. New York, University of York Press, 2003.
- NAWOTKA, Krzysztof; LORDKIPANIDZE, Otar. *Phasis*. The River and City in Colchis. *Revue belge de philologie et d'histoire*, tome 83, fasc. 1, Antiquité - Oudheid. p. 234-236, 2005.
- NOONAN, Thomas S. The Grain Trade of the Northern Black Sea in Antiquity. *The American Journal of Philosophy*, v. 94, n. 3, p. 231-242, 1973. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- PODLECKI, A. J. *Euripides, Medea*. Indianapolis: Hackett Publishing, 1989.
- SNODGRASS, A. M. "Lesser breeds". The history of a false analogy. In: HUNT, Owen, S. (eds). *Ancient Colonization: Analogy, similarity and Difference*. London: Duckwoerth, 2005, p.45-58.
- SOUZA, Philip de. Towards Thalassocrac Archaic Greek Naval developments. In: WEES, Hans van (org.). *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*. Bristol, 1998, p.271- 293.
- THALMANN, William G. *Apollonius of Rhodes and the Spaces of Hellenism*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- TSETSKHLADZE, Goca Revazovic. Greek Colonization of the Eastern Black Sea Littoral (Colchis). *Dialogues d'histoire ancienne*, v. 18, n. 2, p. 223-258, 1992.
- TSETSKHLADZE, *The Greek Colonisation of the Black Sea Area: Historical Interpretation of Archaeology*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1998.
- WEST, M. L. "Odyssey" and "Argonautica". *The Classical Quarterly*, v. 55, n. 1, p. 39-64, 2005.